

## **6ª LIÇÃO**

# **A MALDADE, A DOR E O SOFRIMENTO**

Muitos através dos tempos têm abandonado a sua crença em Deus por causa da presença da maldade, a dor e o sofrimento em suas vidas ou nas vidas daqueles próximos a eles. Em 1851, a vida de Charles Darwin marcou-se irreversivelmente no caminho à incredulidade, quando a sua filha mais velha, Annie, ficou doente. Em 23 de Abril desse ano, ela morreu com a tenra idade de dez anos. Darwin se sentiu devastado. Mesmo a sua esposa era uma devota crente em Deus e no cristianismo. Com a morte de Annie, Darwin não pode tolerar mais tais conceitos.

Samuel Langhorne Clemens, depois da morte de Suzy, sua filha favorita, chegou a sentir-se contra Deus, depois da morte desta sua filha, em 1896.

Em meados de 1960, um jovem fervente religioso de Chattanooga, Tennessee, foi um exemplo de modelo para todos os seus companheiros de classe. Ele dirigia um grupo de oração e planeava chegar a ser um missionário no estrangeiro – até que sua irmã morreu de leucemia e seu pai cometeu suicídio. A crença do rapaz em Deus se foi, e posteriormente chegou a ser um dos mais francos incrédulos da América, humanista e defensor pro-aborto. Qual é o seu nome? – Ted Turner, fundador da mundialmente famosa CNN, o sistema de transmissão de Turner, e outras empresas de meios de comunicação bem conhecidas.

Mas, não são só os famosos que abandonam a sua crença em Deus por causa da maldade, a dor e o sofrimento em suas vidas. O “homem (ou mulher) da rua” não é menos afectado. Em qualquer lugar que nós vamos, surge a pergunta: “Se há um Deus, por que sou afligido com esta enfermidade?” Ou, “como um Deus benevolente pode permitir que meu filho morresse num tornado?” Estas e centenas de outras perguntas têm penetrado os ouvidos de milhares de ouvintes. Como compreendem os teístas (os crentes no Deus verdadeiro) a existência do sofrimento com a existência de um Deus amoroso e onipotente? É justificada a incredulidade em Deus?

## CAUSAS DA MALDADE, A DOR E O SOFRIMENTO

Mesmo o homem não pode explicar em detalhe específico cada exemplo do sofrimento humano. Ao contrário do que muitos crêem, existem muitas razões lógicas do por quê a gente experimenta a dor mental e física. Uma das razões principais está arreigada ao facto de que Deus é amor (*1 João 4:8*), e o Seu amor permite o livre arbítrio. Deus não criou o ser humano como robot para O servir sem nenhuma classe de agência moral livre da sua parte (*Gênesis 2:16,17; Josué 24:15; João 5:39, 40*). Deus não controla a Sua criação como um palhaço controla uma marioneta. Dizendo melhor, como uma expressão do Seu amor, Ele concedeu à humanidade o livre arbítrio, e esse livre arbítrio permite aos seres humanos fazer suas próprias escolhas.

O homem frequentemente traz sofrimento sobre si mesmo por causa das decisões equivocadas que ele faz. O apóstolo Paulo escreveu: **“Que, nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como o que se mete em negócios alheios”**(*1 Pedro 4:15*). Quando as pessoas sofrem as consequências das suas próprias escolhas equivocadas, não devem culpar ninguém, somente a si mesmas. Se uma pessoa decide matar alguém, esta mesma pessoa provavelmente sofrerá a consequência desagradável por ter feito uma escolha terrivelmente equivocada. Esta pessoa pode passar o resto da sua vida em prisão, ou até ser morta. Se uma pessoa é informada que tem uma enfermidade transmitida sexualmente, isto pode ser porque ela fez a decisão equivocada de comprometer-se numa relação sexual ilícita com alguém que estava infectado. Por conseguinte, frequentemente, o sofrimento da humanidade resulta do uso indevido ou do abuso da liberdade pessoal.

Noutras ocasiões, o homem também sofre por causa de escolhas pessoais equivocadas de outros. Se Deus permite a uma pessoa o livre arbítrio, então, para ser conseqüente com o Seu amor pelo mundo (*João 3:16; 1 João 4:8*), Ele deve permitir a todos a mesma liberdade. Deus não faz acepção de pessoas. (*Actos 10:34; Romanos 2:11*).

Em 2 Samuel 11 lemos que Urias sofreu por causa do pecado do rei David. Finalmente Urias perdeu a sua vida porque David intentou esconder as decisões pecaminosas que tinha feito. Hoje em dia, muitas famílias podem ser afectadas adversamente porque um pai foi enviado para a prisão por um crime feito sob a influência do álcool ou porque uma mãe usa droga. Em cada caso, uma só pessoa é a causa do sofrimento de uma família inteira. Se um

homem fuma cigarros e, finalmente morre de câncer nos pulmões, a sua família sofre por causa da sua má decisão. Mas Deus não deve ser culpado.

Outra razão para o sofrimento que os seres humanos enfrentam, tem a ver com as escolhas erradas de gerações antigas. Por exemplo, por que há multidões de gente morrendo de fome em vários países do Terceiro Mundo hoje em dia? Embora seja verdade que esta é uma pergunta difícil, com várias respostas possíveis, uma resposta em parte tem que ver com o facto de que os antepassados dessa gente, anos atrás, ensinaram que era erro comer certos animais porque eles podiam estar comendo alguns dos seus antepassados. A falsa doutrina da reencarnação tem privado milhões em todo o mundo do seu bem-estar. Deve ser Deus culpado quando a gente não come a comida que Ele proveu – comida que podia alimentá-los como nutrição adequada? Outra vez a resposta é “Não”. Não há dúvida que muitas das decisões de gerações antigas têm causado muita dor e sofrimento para aqueles que vivem neste mundo hoje em dia.

Considere isto também. Nós, frequentemente ouvimos queixas acerca das escolhas equivocadas de gerações de muito tempo atrás, mas raramente escutamos expressões de gratidão pelas muitas bênçãos que temos tido como um resultado do trabalho duro e sacrifício daquelas mesmas pessoas. Nós vivemos vidas mais longas e mais saudáveis por causa de numerosos descobrimentos médicos, e temos comodidades tecnológicas que fazem as nossas vidas diárias mais agradáveis. A verdade deve ser dita. Nós comemos de vinhas que não plantámos; bebemos de cisternas que não fizemos. Nós devemos bastante a muito do nosso passado distante. O facto é que, enquanto o homem frequentemente sofre por causa dos pecados das gerações antigas, também beneficia dos seus labores. Se o homem verdadeiramente é livre, deve ser possível para ele colher os benefícios, também como sofrer as consequências de suas próprias decisões e das decisões de outros.

As pessoas também sofrem por causa das violações da lei natural. Afortunadamente, Deus criou um mundo regido por leis específicas que Ele estabeleceu na Criação. Essas leis foram implementadas para o bem próprio do homem, mas se as leis são violadas, então o homem sofrerá as consequências. Se um homem dá um passo fora do tecto de um edifício de cinco pisos, a gravidade o atrairá ao pavimento do fundo. Se um rapaz pára em

frente de uma carruagem de carga em movimento, já que dois objectos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, a carruagem atropelará o rapaz e provavelmente o matará. Por quê? Porque ele violou (sabendo ou não) a ordem natural deste mundo. As leis naturais que Deus criou permitem ao homem produzir fogo. Mas as mesmas leis que lhe permitem cozinhar a sua comida, também lhe permitem destruir bosques inteiros. Leis que tornam possível ter coisas **construtivas** para a vida humana, também introduzem a possibilidade de que coisas **destrutivas** para a vida humana possam ocorrer. Por que não pode ser doutra maneira? Um carro em movimento é matéria em movimento e nos leva onde desejamos ir. Mas se alguém pára em frente do carro, as mesmas leis naturais que operam para nosso benefício, igualmente opera para nosso detrimento. As mesmas leis que governam a gravidade, a matéria em movimento, ou os fenómenos similares, também governam os padrões do clima, o movimento da água, e outras condições geológicas/ meteorológicas. **Tudo** na natureza está regulado por estas leis – não só as partes que achamos convenientes. Se Deus suspendesse as leis naturais cada momento que as Suas criaturas estivessem em perigo ou numa situação ameaçadora de vida, o caos corromperia o Cosmos, e alargaria mais para um mundo de **ateísmo** que de **teísmo**!

Toda a pessoa (crente ou não crente) deve obedecer às leis naturais que Deus estabeleceu, ou sofrer as consequências. Em Lucas 13:2-5, Jesus contou a história de dezoito homens que morreram quando a torre de Siloé caiu em cima deles. Estas pessoas morreram por causa dos seus pecados? Não, eles não eram mais pecadores que os seus companheiros. Eles morreram por causa das leis naturais em vigor. Afortunadamente, as leis naturais trabalham continuamente para que nós possamos entender e beneficiar-nos destas leis. Nós não temos sido deixado à sorte de alguma classe de sistema desordenado que trabalha um dia, mas não no dia seguinte.

## **NEGAM OS DESASTRES NATURAIS A BENEVOLÊNCIA DIVINA?**

Através da história, o homem tem experimentado grandes tragédias. Em 526 AD., um terramoto arrasou o país agora conhecido como Turquia, e deixou mais de 250.000 mortos em sua condição posterior. Um terramoto semelhante na China em 1556 matou mais de 830.000 pessoas. Em 21 de Setembro de 1989, o

furacão Hugo arrasou a costa sudeste dos Estados Unidos, matando mais de 25 pessoas e causando estragos de 10 bilhões. Um mês depois (17 de Outubro 1989, um terremoto registado em 7.1 na escala de Richter arrasou a área da baía de São Francisco na Califórnia. Pelo menos 62 pessoas foram mortas e os danos foram estimados em mais de 1 bilhão.

Parece que é raro para uma simples geração, num certo lugar, prescindir pelo menos de alguma classe de desastre natural. Sem advertência, os tornados varrem e destroem num momento de fúria o que levou décadas ou séculos a construir. As inundações cobrem “lugares de lares velhos” e removem para sempre todo o vestígio do que foi alguma vez depósitos de memórias santas. Em questão de segundos, os terremotos irreparavelmente alteram o que uma vez foram paisagens familiares. Os furacões vêm dos mares, destroem praticamente tudo por onde passam, e logo param como se nunca tivessem existido. Cada vez, a humanidade sofre. E cada vez há aqueles que perguntam: **“Por quê?”** Por que a Terra experimenta desastres, e por que tais desastres não são compatíveis com um Deus benevolente?

### **O Nosso Planeta Uma vez Perfeito Mas Agora Defeituoso.**

Ao final do Seu sexto dia de criação (Génesis 1:31), Deus contemplou tudo o que tinha feito e o proclamou como “muito bom” – terminologia hebraica que representava que isto era tanto completo como perfeito. Os rios estavam correndo, os peixes estavam nadando e os pássaros estavam voando. A peste, as enfermidades e a morte humana eram desconhecidas. O homem existia num paraíso tranquilo de felicidade e formosura onde ele compartilhava uma relação de pacto tão íntimo e ditoso com o Seu Criador. Tanto que Deus vinha ao Jardim do Éden “no frescor do dia” para ter comunhão com os seus habitantes humanos (Génesis 3:8).

Génesis 3:22 regista que o homem tinha acesso contínuo à árvore da vida que estava no jardim, cujo fruto os permitiria viver para sempre.

Não obstante, a paz e tranquilidade dos primeiros dias da humanidade não iam predominar. Em Génesis 3, Moisés, por inspiração, tratou acerca da quebra da relação do pacto entre o homem e Deus, a entrada do pecado no mundo, e as maldições que resultaram por causa disto. Quando os nossos primeiros pais se rebelaram contra o Seu Criador, a maldade entrou no mundo. Moisés nos informa que, como consequência directa do pecado

humano, a Terra foi “maldita” (Gênesis 3:17). Em Romanos 8:20,21, Paulo declarou que toda a criação foi sujeita a “vaidade” e à “escravatura de corrupção” como resultado dos eventos pecaminosos que aconteceram no Éden nessa ocasião. Aparentemente as coisas se deterioraram rapidamente. Só três capítulos depois, Moisés escreveu da maldade saturada do homem (Gênesis 6:5-7).

Gênesis 6:8 registra a destruição global resultante do Grande Dilúvio enviado por Deus como seu instrumento de juízo. O texto indica que as águas que causaram o Dilúvio se originaram de duas diferentes fontes: **(a) “as fontes do grande abismo”;** **(b) “as cataratas dos céus”** (Gênesis 7:11). A água caiu por quarenta dias e quarenta noites (Gênesis 7:12,17), e finalmente cobriram **“todos os montes altos que havia debaixo dos céus”** (Gênesis 7:19). Nós podemos somente supor as mudanças que o Dilúvio fez sobre a Terra. As inundações locais podem causar danos tremendos em períodos muito breves. Então, Imagine o dano que as águas do Dilúvio devem ter causado, quando cobriram cada montanha com altura de quinze côvados (Gênesis 7:20; aproximadamente 22,5 pés). Como um escritor sugeriu:

O poder destrutivo das águas do Dilúvio é evidente pelo que as águas das inundações em anos recentes têm feito. Estas moveram blocos de granito que pesavam 350 toneladas a mais de cem jardas. Rochas que pesavam 75 a 210 toneladas foram movidas pelas águas de inundações de somente 15 a 20 pés de profundidade... Que vasta devastação deve ter sido criada quando todas aquelas forças da terra trabalharam juntas; a chuva brotando desde as abóbadas do firmamento, terremotos sacudindo a terra, muitos vulcões em erupção explodindo ao mesmo tempo, continentes desfazendo embravecidos, gigantescos marmotos com fluxos perpendiculares à corrente, e redemoinhos levantando estragos... Verdadeiramente, o Dilúvio foi a maior catástrofe e a mais violenta na história do mundo, com destruição total de toda a forma de vida e da superfície inteira da terra (Sippert, 1989, pp. 78-79).

Como foram as condições sobre a Terra anteriores ao Grande Dilúvio? Numerosos cientistas e eruditos bíblicos têm sugerido que as condições foram radicalmente diferentes àquelas que vemos hoje em dia, e que a Terra carecia de muitos desastres naturais que experimenta no presente. No seu texto clássico, o Dilúvio de Géneses, John C. Whitcom y Henry M. Morris declara:

Se refere que o facto da “rotura das fontes do grande abismo” (Génesis 7:11), que implica essa classe de actividade, foi uma das causas imediatas da inundação; portanto, as águas devem ter estado contidas anteriormente... Por conseguinte o registo bíblico implica que a época entre a queda do homem e a inundação resultante, foi geologicamente uma de repouso comparativo. As  guas tanto de cima e debaixo do firmamento estavam em grande medida contidas, as temperaturas foram equivalentemente caídas, não havia chuvas pesadas nem ventos e, provavelmente, nem terremotos nem emissões vulcânicas (1961, pp. 242.243).

  razoável sugerir, conhecendo as mudanç as ocasionadas por inundações locais, que o Dilúvio global de G nesis 6-8, não somente alterou radicalmente a superfície da Terra, mas simultaneamente produziu circunstâncias que são responsáveis de muitos dos desastres naturais experimentados desde esse tempo. Novas montanhas, mais altas e vales mais baixos foram causados por Deus depois do Dilúvio (Salmos 104:6-10). Aproximadamente 71.9% da superfície da Terra permaneceu coberta com  gua. As mudanç as de temperatura ocorreram, produzindo variações temporais diferentes de qualquer outra antes. sem d vida, têm outros factores estiveram implicados.

O que causa os desastres naturais hoje em dia? Uma causa é o fen meno geológico e meteorológico imensamente diferente apresentado agora no nosso planeta. As montanhas altas e os vales profundos podem ser propícios para localizar condições externas do clima. Os componentes drasticamente mudados da superfície da Terra, d o origem a terremotos. As grandes proporções de água e as grandes variações climáticas globais, geram furacões e tormentas tropicais. Em sua segunda epístola, o apóstolo Pedro se referiu ao “mundo de então” e a sua destruição pelo Dilúvio (3:6). Esse mundo não existe mais. Hoje em dia habitamos numa Terra uma vez perfeita mas agora defeituosa.

Mas alguns perguntarão: por que não pode Deus “selectivamente intervir” para evitar desastres? Bruce Reichenbach abordou esta pergunta:

[...] num mundo que opera de acordo   intervenção milagrosa e divina, não haveria relação necessária entre os fen menos, e em particular entre a causa e o efeito. Em alguns casos um evento resultará de uma certa série de condições, noutra tempo

de um evento diferente, e assim sucessivamente, tanto que finalmente uma variedade incontável de eventos resultariam de uma série de condições dadas. Não haveria regularidade de consequência, nenhuma produção natural de efeitos... Portanto, não poderíamos saber ou inclusivamente supor que o curso de acção tomar para conseguir certa meta concebida racionalmente. Por conseguinte, não poderíamos saber ou inclusivamente supor que curso de acção tomar para conseguir certa meta concebida racionalmente. Por conseguinte, não poderíamos nem propor acção nem actuar por nós mesmos (1976, p. 187).

Como, exactamente poderia um mundo habitável – governado por leis apropriadas e compreensíveis – ser criado e operado, de outra maneira que a nossa actualmente? E como, em tal mundo, os desastres poderiam ser prevenidos, enquanto se mantém tanto a lei natural e a liberdade humana?

Tomando-o à primeira vista, a maldade da humanidade nos dias de Noé, a qual causou o Dilúvio, é responsável **finalmente** pelas mudanças que agora produzem vários desastres naturais. Sobre quem aplicaremos a culpa pelo sofrimento resultante de tal clima? É justo acusar a Deus, quando Ele inicialmente criou o lar do homem livre de tais coisas? (**Génesis 1:31**). Com toda a honestidade, a resposta deve ser não. O pecado nos roubou o nosso paraíso original, e o pecado foi responsável da inundação global (**Génesis 3:24; 6:7**). Outra vez, Deus não deve ser culpado.

## CONCLUSÃO

Em vez de culpar a Deus, quando tragédias tais como os desastres naturais atacam, necessitamos voltar a Ele por fortaleza e deixar que as tragédias, ou qualquer desastre natural nos recordem que este mundo nunca teve o propósito de ser o nosso lar final (Hebreus 11:13-16). O nosso tempo aqui é temporal (Tiago 4:14), e com a ajuda de Deus, podemos triunfar sobre qualquer coisa que venha pelo nosso caminho (Romanos 8:35-39; Salmos 46:1-3). Finalmente, a pergunta mais importante não é: Por que isto me aconteceu a mim? Mas, sem dúvida, como posso entender o que se passou, e como vou reagir a isto? Com Pedro, os cristãos fiéis podem raciocinar o sentimento de que Deus, **“que em Cristo Jesus nos chamou à sua glória eterna, depois de haverdes padecido um pouco, Ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará,**

**fortificará e fortalecerá. A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre!** (I Pedro 5:10,11).

Recorde também, que há momentos quando o sofrimento é proveitoso. Pense do homem do qual as suas costas começam a doer quando entra em meio de um enfarte de miocárdio. Pense da mulher em que as suas costas começam a doer ao começo de uma apendicite aguda. Não é verdade que algumas vezes o sofrimento ajuda a humanidade a desenvolver as características que as pessoas mais enriquece? Valentia, heroísmo, amor altruísta, auto-sacrifício – todos florescem em nada mais que adornos imperfeitos. Não é assim?

Finalmente, ninguém pode sugerir – justificadamente - que o sofrimento em si é contrário à existência ou bondade de Deus, à luz das séries de acontecimentos que ocorreram no Calvário há uns dois mil anos atrás. O facto de que **mesmo Jesus como o Filho de Deus** esteve sujeito à maldade, à dor e o sofrimento (Hebreus 5:8; 1 Pedro 2:21...) prova que Deus ama e cuida de Sua criação. Ele não é um Deus vingativo, sem carinho e aborrecido, pintado pelos ateus e incrédulos. Dizendo melhor: **“Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados seremos salvos pela sua vida.”** (Romanos 5:10). Deus pode ter-nos abandonado em nossos próprios recursos pecaminosos, mas em vez disso, **“Deus prova o seu amor para connosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.”** (Romanos 5:8; I João 4:9,10).

O incrédulo, por razões conhecidas somente por si mesmo, ou não é capaz, ou não está disposto a admitir o amor de Deus. Nem a maldade actual, nem a dor, nem o sofrimento que comumente enfrenta – é a maior tragédia da sua vida.

**&&&&&&&**